

DIÁLOGOS PÊCHEUX-SPINOZA: COMPREENDENDO ALGUNS CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Julia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larré – UFRPE¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender alguns preceitos da Análise do Discurso de linha francesa em diálogo com conceitos da filosofia spinozana, com fins de ressaltar e expandir os aspectos dos pontos abordados por Michel Pêcheux em *Remontemos de Foucault a Spinoza* em relação ao próprio Spinoza. O diálogo supracitado terá como ponto de partida aspectos da biografia de Spinoza e da sua compreensão da Bíblia, pois acreditamos no momento da escrita deste trabalho que esta seria uma maneira profícua de entender os motivos que o levaram aos pensamentos que aqui abordaremos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso francesa, Spinoza, Pêcheux, diálogos.

ABSTRACT: The objective of this work is to understand some of the precepts of the French School of Discourse Analysis in dialogue with spinozan concepts of philosophy, with the purpose to emphasize and expand aspects of the points discussed by Michel Pêcheux in in relation to Spinoza . The dialogue we intend to do will take as a starting point the biography of Spinoza and his understanding of the Bible, due to the fact we believe that this would be a useful way to understand the reasons which led Spinoza to the thoughts mentioned here.

KEYWORDS: French School of Discourse Analysis, Spinoza, Pêcheux, dialogues.

INTRODUÇÃO

*Não rir, nem lamentar-se, nem odiar, mas
compreender.*
Baruch de Spinoza

¹ Doutoranda em Letras pela UFPE. Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada – PE, Brasil. jlarré1304@gmail.com

Neste trabalho realizaremos uma breve explanação teórica sobre o filósofo Baruch de Spinoza, contando um pouco dos pontos mais interessantes de sua biografia e de seu sistema filosófico, para que possamos relacionar alguns dos conceitos cunhados por ele com alguns dos preceitos discutidos na Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa em que seja possível observar diálogos.

Nosso maior interesse aqui é fazer uma relação em que possamos ressaltar e expandir os aspectos dos pontos abordados por Michel Pêcheux em *Remontemos de Foucault a Spinoza* em relação a Spinoza, filósofo que fará parte da fundamentação teórica de nossa tese de doutoramento².

Referindo-nos à epígrafe acima, lembramos que uma das maiores preocupações de Spinoza foi a de compreender as questões que se referiam ao discurso do texto bíblico, para, enfim, obter respostas sobre as entrelinhas deste texto que mobiliza tantas sociedades. Outro ponto importante de salientar é o de que o estudo para a escrita deste trabalho tem como objetivo ampliar os horizontes para que, “pouco a pouco, por retoques sucessivos” (BOURDIEU, 2007, p. 27), possamos verificar lacunas presentes em nossos estudos mais particulares do doutorado e possamos corrigi-los, tentando aperfeiçoá-los, quanto possível. Este trabalho, igualmente se torna importante, pois nos auxiliará a melhor compreender as questões de interesse da AD, no que tange aos aspectos de ordem linguístico-discursiva.

Distribuiremos as informações deste trabalho na seguinte ordem: primeiramente, traremos uma breve biografia, ressaltando aspectos importantes da vida de Spinoza para que possamos compreender o motivo dos pensamentos sobre os quais abordaremos posteriormente, utilizando-nos, inclusive, de outros autores que estudam o assunto. Um deles se trata de Garrett (2011), que organizou uma edição com ensaios exclusivamente sobre Spinoza, desde sua vida até as influências que sua filosofia exerceu em teorias diversas. Em segundo lugar, tentaremos expor um diálogo entre os estudos feitos por Spinoza, principalmente os em relação ao discurso dos textos bíblicos, e a AD sobre a qual Pêcheux (em *Remontemos de Foucault a Spinoza*) discorre.

1. Baruch de Spinoza: um homem à frente de seu tempo e espaço

² Estamos realizando para o doutoramento uma pesquisa (LARRÉ, 2013) que investiga a organização argumentativa do gênero “Documentário”, através de preceitos da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural, o que nos insere no campo da Linguística Aplicada e Ensino de Língua Inglesa. Não nos aprofundaremos aqui neste trabalho sobre a pesquisa, pois poderíamos fugir da proposta de apresentar o diálogo que pretendemos com Spinoza na AD.

A maioria das filosofias, quaisquer que sejam suas atrações superficiais, são incoerentes e, portanto, impossíveis. Outras, ao passo que não impossíveis, ou assumem gratuitamente aquilo que não mostra razões para ser acreditado, ou negam aquilo que é bom para se acreditar. (...) O número de filosofias possivelmente verdadeiras para as quais há alguma razão para se acreditar é de fato muito pequeno, e o interesse filosófico de cada uma delas é correspondentemente grande. A de Spinoza é uma dessas.

Donagan, 1988, p. XIV apud Garrett, 2011, p. 20

Filho de uma família de judeus marranos fugidos da Inquisição de Portugal, Baruch de Spinoza foi educado na comunidade judaica de Amsterdã, mas aos vinte anos foi excomungado, mudou de nome (de Baruch – “abençoado” – para seu equivalente em latim “Benedictus”) e tomou como modo de vida a profissão de tutor e a de exímio polidor de lentes.

Apesar de considerações acerca do filósofo como uma “figura contraditória na história da filosofia” (GARRETT, 2011, p. 19), Benedito (Baruch) de Spinoza sustentou pensamentos fundamentais para o século XVII e para os séculos seguintes, sendo posteriormente adotado pelos marxistas como um visionário precursor do materialismo histórico.

O século XVII foi um período de grande tumulto científico, político, religioso e intelectual, que deu origem a vários “sistemas” filosóficos (vf. GARRETT, 2011). O sistema monista e naturalista pensado por Spinoza fala, segundo Donagan (1988), citado na epígrafe acima, de modo mais persuasivo e coerente com os séculos XX e XXI.

Em uma crítica ao dualismo mente-corpo, preconizado pela teoria cartesiana, Spinoza dá início a uma construção filosófica, em sua *Ética*, que deduz um monismo rigoroso, para o qual Deus é a única substância:

O Deus de Spinoza é uma substância autocausada de “infinitos” atributos, incluindo os da extensão e do pensamento, de cuja natureza tudo o que é possível necessariamente flui. Decorre disso que as coisas individuais, como os seres humanos, só podem ser *modos* dessa substância única – que Spinoza às vezes chama de “Deus ou Natureza” (“*Deus, sive Natura*”). (GARRETT, 2011, p. 23).

Uma relação que podemos fazer com essa noção, adiantando-nos para um dos pontos que discutiremos adiante, pode nos remeter às noções de interdiscurso e intradiscurso, em que o primeiro é a substância única onde todos os “modos”

materializados do intradiscurso se encontram. Tentaremos mais à frente discutir mais sobre este assunto.

Bennett (2011) nos traz uma imagem que ilustra melhor a questão do *modo* para Spinoza. O autor nos remete ao ruborizar de uma face, em que o rubor é um modo. A face ruborizada é um modo de ela estar vermelha de uma certa maneira; “não temos duas coisas, uma face e um rubor, em certa relação; antes, temos uma coisa só, uma face, e ela está ruborizada; mas há um item que é o *rubor*, ele é esta *instância do ruborizar-se*”. Então, mesmo que duas pessoas estejam ruborizadas, elas se ruborizam de modos diferentes; o rubor de cada um são itens particulares, não universais. Por isso, para ele, mesmo que o rubor desapareça, ele não deixa de existir, apesar de algo se alterar.

A mesma relação é possível de se estabelecer com a noção de discurso: mesmo que a materialização de um enunciado seja dito e se desvaneça, ele não deixa de existir. Ele altera a configuração histórica da grande memória que é o interdiscurso. Segundo o próprio Spinoza, “a mente humana é parte do intelecto infinito de Deus” (*Ética – parte 2 apud WILSON, 2011, p. 123*). Pensando por este viés, a mente humana, ou a memória de cada um de nós, materializada através do discurso, é parte integrante dessa memória infinita, saturada, que é o interdiscurso.

Em meio a muita intolerância política e religiosa, Spinoza escreve seu *Tratado Teológico-Político* (publicado em 1670). Nele, o filósofo diz:

Haverá algo mais pernicioso, repito, do que considerar inimigos e condenar à morte homens que não praticaram outro crime ou ação criticável senão pensar livremente, e fazer assim do cadafalso, que é o terror dos delinquentes, um palco belíssimo em que se exhibe, para vergonha do soberano, o mais sublime exemplo de tolerância e virtude? (SPINOZA, *Tratado Teológico-Político XX.*, 35 *apud KLEVER, 2011, p. 66*)

Este pensamento revela um homem bem à frente de seu tempo, que observava com cautela³ o mundo ao seu redor e examinava a relação entre a teoria política e a religião através das interpretações das escrituras por meio de um nome falso – o seu *Tratado Teológico-Político* assim foi publicado e sua *Ética* não foi publicada até que estivesse morto, a seu pedido.

³ De acordo com Garrett (2011), Spinoza trazia em sua insígnia pessoal a palavra “Caute”, que significa cautela: “ele certamente foi um revolucionário intelectual cauteloso, que expressava doutrinas novas e radicais na terminologia e nas fórmulas tradicionais” (GARRETT, 2011, p. 21).

2. Breve exposição sobre a influência e a recepção da filosofia de Spinoza

Tudo isso mostra que uma pessoa não se tornava spinoziana por acaso; frequentemente o spinozismo era o resultado do abandono de certos fundamentos cartesianos heterodoxos.

Pierre-François Moreau (2011, p. 501)

O “spinozismo” é, segundo Moreau (2011), um espelho para as grandes correntes de pensamento; espelho este em que imagens distorcidas, de batalhas de ideias podem ser observadas com mais afinco. Para ele, “é um instrumento intelectual efetivo para se analisar a disposição de forças dentro do domínio das ideias, suas ideias dominantes e dominadas” (MOREAU, 2011, p. 497).

Além de nos permitir compreender várias correntes filosóficas como o cartesianismo e o iluminismo, o “spinozismo” nos possibilita pensar sobre várias outras manifestações filosóficas de modo mais aprofundado. Como se sabe, Spinoza foi duramente atacado pelos pensadores e religiosos de sua época por conta de seus escritos sobre os textos bíblicos. Na realidade, o que Spinoza realizou foi uma exegese crítica filológica, em consonância com o que outros exegetas protestantes (como Erasmo) e exegetas de leitura política (como Thomas Hobbes) já haviam feito. No entanto, para Moreau (2011), talvez esta tenha sido a manifestação mais radical de tal prática, baseada no objeto *texto* – o que já se diferenciava dos “escribas inspirados”, que alegavam suas interpretações a uma fonte de inspiração divina.

No século XIX, Marx e Engels leem Spinoza de modo esquemático, trazendo-o para seus pensamentos marxistas. Mas, de acordo com Moreau (2011), foi Engels o responsável por definir Spinoza como um “esplêndido representante da dialética” (*apud* Moreau, 2011, p. 519): “Desde então, Spinoza reapareceria em intervalos regulares na história do marxismo, especialmente em momentos de crise, em que ele geralmente serviu para revelar os conflitos entre várias tendências” (*idem*).

Do século XVIII até hoje os estudos spinozanos se dividem criativamente entre manifestações filosóficas e literárias, chegando também a conceitos preconizados pela física quântica, pela política e pelo direito, entre outras áreas.

Depois de anos sem ao menos haver menções explícitas à teoria de Spinoza, no fim dos anos 60 houve uma renovação dos estudos spinozanos, em várias vertentes. Moreau (2011) nos diz que: “surgiram trabalhos dedicados a estudar a ordem lógica das razões do sistema, a arquitetônica dentro da qual cada elemento deriva seu significado”. Nessa perspectiva, várias escolas surgem, incluindo-se aí interpretações, como a de

Deleuze (1970, 1969 *apud* Moreau, 2011), que veem na obra de Spinoza uma filosofia do poder ou do pensamento constitutivo – presentes nos estudos da Análise do Discurso, inclusive.

Podemos, a partir dessas interpretações, pensar também nos escritos de Michel Pêcheux, dentre os quais encontramos o *Remontemos de Foucault a Spinoza*, com apresentação datada em 1977, e resultante de uma exposição oral em um congresso em que o tema era “O discurso político: teoria e análises”, no México. É sobre este texto que falaremos adiante, tentando realizar diálogos com o que expusemos até então (muito brevemente) sobre alguns dos fatores do pensamento de Spinoza que consideramos relevantes para este texto.

3. Relações Pêcheux – Spinoza: uma leitura

Espinosa⁴ denuncia em seu tempo as tramas que impedem todo leitor não só de aceder ao sentido da Bíblia, mas sobretudo ao modo de produção dele. (SOUZA, 2003, p. 4)

Assim como com Spinoza, que se encontrava, em seu tempo e espaço, em um momento de tensão entre as correntes políticas, filosóficas e científicas, Pêcheux exhibe em sua apresentação, questões de um momento político de tensão, além de tratar também das questões teóricas (universitárias) controversas que envolviam a prática da análise do discurso. Sua principal questão no início da conferência é: “temos certeza de que com a “análise do discurso” não estamos de novo na presença de algo que, no campo particular da linguagem, seja uma dialética totalmente universitária de produzir sua própria matéria?” (tradução minha). A preocupação de Pêcheux se faz, novamente, de acordo com o que os pensamentos spinozanos possuem de mais característico: a de que teoria e práticas ideológicas (ou políticas) não podem – nem devem – ser tomadas separadamente, dualisticamente, como faziam – e fazem – os cartesianos. Segundo o mesmo, “não se pode falar de intervenções puramente técnicas: uma certa maneira de trabalhar textos está intimamente ligada a uma certa forma de fazer política” (PÊCHEUX, 1977, p. 182).

⁴ No texto de Souza (2003), é desta maneira que ele escreve o nome do filósofo sobre o qual falamos. Preferimos, portanto, manter o modo como o autor publicou ao fazermos citações diretas. No entanto, optamos por escrever “Spinoza” no decorrer de nosso texto.

Ao realizar o paralelo na leitura de Spinoza (*Tratado Teológico-Político*) e Foucault (*Arqueologia do Saber*), Pêcheux deseja exibir modos diversos de fazer política, dentro do pensar teórico:

Ao confrontar em alguns pontos o *Tratado Teológico-Político* e a *Arqueologia do Saber*, é possível perceber que a relação entre Spinoza e Foucault concerne diretamente ao destino teórico do que hoje se chama de “discurso”, devido à relação ambígua que neste campo se forma entre o político e o universitário. (PÊCHEUX, 1977, p. 186)

Gregolin (2003) nos diz que ao fazer uma leitura comparativa entre os dois, utilizando-se de citações de ambos, Pêcheux evidencia que os pensadores coincidem em diversos momentos, apesar das diferenças temporais, no que se relaciona “à visão teórica sobre o funcionamento dos enunciados” (GREGOLIN, 2003, p. 2). No entanto, no que se refere ao político, existe nos dois uma diferença prática fundamental: enquanto em Spinoza pode-se perceber uma elaboração da contradição que diz respeito à luta ideológica que ele fazia contra a religião, Foucault “colocando-se ‘à distância’ da luta política, constrói um ‘marxismo paralelo’ que o leva a denegar a luta de classes e, conseqüentemente, a colocar-se, politicamente, no interior do reformismo” (idem, p. 3).

Ao se referir a Spinoza, Pêcheux nos mostra como ele se relaciona com a linguística: no *Tratado Teológico-Político*, Spinoza trabalha o tema da exegese dos textos sagrados para observar o que se alterou em seu primeiro sentido, com fins de perceber no que interferiu o Aparelho Religioso. Spinoza, então, verifica as causas que permitem que um pensamento seja modificado a partir da alteração do sentido de um discurso, para que uma outra interpretação seja obtida. Para Souza:

Pêcheux remonta de Espinosa uma prática política que submete a ideologia na qual nos constituímos como sujeitos não a um tratamento homogêneo, mas a um tratamento heterogêneo e contraditório, o que se observa não na formulação de uma teoria da contradição, mas no que Pêcheux chama de “*um trabalho espontâneo da contradição*”. (SOUZA, 2003, p. 1)

Pensando nisso, pois, o que Pêcheux conclui do trabalho de Spinoza em interpretar o texto bíblico é que o discurso religioso não pode ser considerado “como um bloco homogêneo, idêntico a si mesmo, com seu núcleo, sua essência, sua forma típica” (PÊCHEUX, 1977, 192). Esta noção é fundamental para a Análise do Discurso tal como é praticada atualmente, em que o ponto de interesse sobre a ideologia não se encontra nos pontos em que ela tem em comum, internamente, mas nos seus pontos de contradição. Mesmo que Spinoza não mencione a contradição como componente para sua investigação sobre os textos bíblicos, Pêcheux nos chama a atenção para o fato de

que em sua prática política Spinoza opera com a contradição como categoria. Para Pêcheux, Spinoza anda na frente de Foucault, pois, utilizando-se dos meios teóricos de sua época, ele esboça o que se pode chamar de uma teoria materialista das ideologias, baseada na afirmativa de que “quanto menos se conhecem as causas, mais se está submetido a elas” (PÊCHEUX, 1977, p. 191). Souza (2003) nos diz sobre isso que: “O político de Espinosa refere-se aos modos livres de produzir sentido pela Sagrada Escritura confrontado aos modos impostos pela Teologia. Só que é de dentro dela que Espinosa exerce sua prática crítica” (SOUZA, 2003, p. 2). Por este motivo Spinoza acaba por ser expulso da sinagoga, como havíamos exposto anteriormente, no início de nosso texto.

A busca de uma totalidade que demonstre que a linguagem e a ideologia formam linhas quase paralelas que vão se encontrando e que se fundem no percurso teórico de modo a constituir objetos é uma das grandes preocupações de Pêcheux em toda a sua trajetória (vf. DORNELE, 2007). Deste modo, ele encontra em Spinoza uma filiação filosófica que se adéqua a este pensamento diverso do pensamento positivista, dualista. Outro ponto em comum é a tentativa incansável de Pêcheux em encontrar, através da teorização, a presença do ideológico em todas as ciências. Spinoza, então, faz o questionamento no interior de sua própria doutrina religiosa; e é nesse questionamento que Pêcheux enxerga o ideológico atuando, mesmo que não esteja explicitado por Spinoza em seu *Tratado Teológico-Político*. É aí, novamente para Pêcheux, que a contradição se materializa.

Sobre a contradição, a heterogeneidade inerente à ideologia e à língua, sempre uma preocupação para Pêcheux, como já afirmamos, Souza nos diz o seguinte:

Daí vem o que hoje sabemos, isto é, que a heterogeneidade não se opõe dialeticamente à ideologia e à língua, nem existe fora delas. A heterogeneidade descreve o próprio da constituição do sujeito na língua e na ideologia. Nisto consiste a exterioridade constitutiva da ideologia: o heterogêneo define a propriedade de seu funcionamento. O que portanto se remonta de Espinosa em Pêcheux é um pensamento sobre a língua, o discurso e a ideologia que aponta a maneira como o sentido e o sujeito constitui-se na relação com o não-sentido. (SOUZA, 2003, p. 5)

4. Um efeito de finalização

Neste espaço de poucas páginas, objetivamos realizar uma breve exposição sobre aspectos dos pensamentos de um filósofo do século XVII e sobre um pensador moderno do século XX, este último que objetivava trabalhar com nada mais nada menos

que a contradição como categoria de análise do discurso. Este trabalho árduo, frente a dois pensadores tão desafiadores, se tornou menos complexo pelo fato de que Spinoza criou um sistema filosófico que fala profundamente ao nosso tempo e realmente há a possibilidade de observarmos diálogos com o trabalho desenvolvido por Pêcheux, especialmente por conta de seu texto *Remontemos de Foucault a Spinoza*.

Ao falarmos do texto acima mencionado, não nos restringimos às críticas – já conhecidas – que Pêcheux faz em relação ao tratamento político do trabalho foucaultiano; o que intencionamos aqui foi tratar mais das semelhanças que das diferenças entre Pêcheux e Spinoza de modo que questões como i. *oposição ao pensamento puramente dualista*; ii. *busca da totalidade* (no caso de Pêcheux entre linguagem e ideologia; e no caso de Spinoza, entre substância e modos); iii. *preocupação intensa com os modos de discurso* fossem evidenciadas.

Esgotar as ideias de dois pensadores tão complexos é uma tarefa impossível. Esperamos, no entanto, que possamos ter inspirado mais estudos com este breve trabalho e que outras discussões mais aprofundadas no campo da Análise do Discurso possam ser fomentadas, para que a busca incessante, também feita por Pêcheux e por Spinoza, pelo diálogo entre diversos campos de estudos não seja minguada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENNETT, J. Metafísica de Spinoza. In: GARRETT, D. (Org.). *Spinoza*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DONAGAN, A. Teologia de Spinoza. In: GARRETT, D. (Org.). *Spinoza*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- DORNELE, E. F. Análise de discurso e os pontos de encontro tecidos na convergência das teorias. *Analecta* (Guarapuava, Paraná). 2007, v 8, n. 2, pp. 29-36.
- GARRETT, D. (Org.). *Spinoza*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- GREGOLIN, M. do R. V. *Michel Pêcheux e Michel Foucault: diálogos necessariamente intranquilos entre dois pensamentos inquietos*. 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/MariaDoRosarioValenciseGregolin.pdf> Acessado em: 09/02/2013.
- KLEVER, W. N. A. Vida e obras de Spinoza. In: GARRETT, D. (Org.). *Spinoza*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- MOREAU, P-F. Recepção e Influência de Spinoza. In: GARRETT, D. (Org.). *Spinoza*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- PÊCHEUX, M. *Remontémons de Foucault a Spinoza*. México: Nueva Imagen, 1977.
- SOUZA, P. de. *O que se remonta de Espinoza em Pêcheux?* Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/PedroDeSouza.pdf> Acessado em: 09/02/2013.
- CHAVES, Hamilton Viana; MAIA FILHO, Osterne Nonato; OLIVEIRA, Juliano Cordeiro da Costa e PEREIRA NETO, Francisco Pereira. *Contribuições de Baruch Espinosa à teoria histórico-cultural*. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)* [online]. 2012, vol.18, n.1, pp. 134-147. ISSN 1677-1168.